

# Correio de Nisa

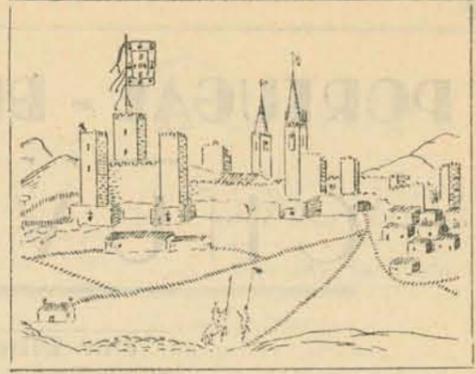
Jornal de Informação e Cultura

Director — ABEL MONTEIRO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
RUA DOS COMBATENTES DA G. GUERRA, N.º 1-B-1.º

Editor — ANTÓNIO CARMONA RIBEIRO  
PROPRIEDADE DA DIRECÇÃO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO  
OFICINAS GRÁFICAS DA TIPOGRAFIA NISENSE



## O JORNALISMO CONTEMPORÂNEO

O meio geral onde se espriam as inteligências cultas, mas ainda não chegadas ao classicismo, é ordinariamente o de *periodiquero*.

A monomania da actualidade é o jornalismo. E, na verdade, não ha povoação com pretensões a alcinhar-se de importante que não tenha ou não pretenda ter um órgão literário que lhe leve a fama aos mais recônditos cantinhos do País. Muito bem! Adoptamos o meio e não podemos de deixar de louvar o fim.

Meio altamente utilitário em que a instrução é o instrumento manejado pelos que sabem e, o que é grandemente profícuo, pelos que pretendem saber. Se se pretende ensaiar os primeiros vôos na imprensa, para depois se transpôr às grandes lides jornalísticas, está-se dentro duma esfera recomendativa. Reune-se o útil ao agradável. Se, porém, a meta é outra, porque se procura fazer propaganda de princípios que não interessam à generalidade; se se assentam bases em meras utopiãs, então baldado fim! Adeus civilizações.

A imprensa é o meio de que mais se tem abusado. Aqueles mesmos que galgam agigantadamente a rotina literária e que se aclimataram já às diatribes da crítica, não deixam muitas vezes de ser arrastados por uma paixão que os deslustra e que os torna menos probos, pelo meio em que se digladiam.

Concedo que cada um se desforre pela imprensa, que cada um procure defender sua probidade, sua honra e o seu nome manchados com a venenosa seta duma calúnia atroz, mas nos meios fáceis e brandos,

mas por um princípio lógico, em que a verdade corra límpida de demonstração, como a água sai cristalina da nascente pedregosa.

Enfim, nem sempre no firmamento se divisa um azul admirável e verdadeiramente formoso!

Quantas vezes se anuvia e tolda, a ponto de reventar em terríveis tempestades que amedrontam. Mas, ainda assim, que admiráveis são os raios do sol, após a tempestade!

Nas calamidades jornalísticas, raras vezes, infelizmente, ha verdadeiro sol. Mas, quem vive noutra esfera e olha as coisas por um prisma tão modesto, como realmente succedeu aos iniciadores da ideia da fundação dum jornal em Nisa, tem partilhado do íntimo bom senso que reina ou deve reinar em quem aspira a instruir-se, deleitando e instruindo os demais.

Deus disse ao laborioso: «Trabalha, que Eu te ajudarei».

Qual será o prémio dos que trabalham em proveito do próximo e da Pátria?! E' assim que eu considero o carácter do verdadeiro jornalista!

Nota da Redacção. Este artigo, assinado por Raul, é transcrito de «Niza em Férias», semanário literário e noticioso, que apresenta no seu número 3 a data já remota de Domingo, 1 de Setembro de 1889. Publicação manuscrita, tinha por redactores J. C. Miguens e J. M. dos Remédios, este último, sem dúvida o muito altamente categorizado nicense Prof. Doutor Joaquim Mendes dos Remédios, lente da Faculdade de Teologia e, depois da Faculdade de Letras.

Este número foi visado pela Censura

## Quem não esquece



Naquela tarde de chuva, fomos para atravessar o jardim, direitos ao nosso tugúris. De súbito, o Dr. Tavares Machado — que conhecíamos já de outro lugar — atirou-nos, através do aguaceiro, com o seu estribilho de sempre: «Aristóteles dava lições nos Jardins de Atenas!»...

Sob a borrasca impertinente, voltámo-nos para o saudar.

Estava ele à porta do notário da Comarca, pessoa que ainda não ouvimos referir, e nem sequer tínhamos visio — supomos.

Perante a presença do juiz, já então nosso bom amigo, abandonámos a rota, para uns momentos de conversa, provocando-o a repetir mais uma vez: «Aristóteles dava lições nos Jardins de Atenas».

Ali ficámos, à porta, mas não foi possível suportar a bátega que surgiu. Era forçoso entrar.

Já dentro de casa, o Dr. Tavares fez as apresentações.

Houve um momento de silêncio, o silêncio que sempre surge, num ambiente desconhecido, em frente de pessoas que acabam de se conhecer. Contrariando o vácuo, dissemos ao Dr. Pelequito que no livro de Serrão de Faria, «Porta Férrea», vinha o seu nome, na pauta do 3.º ano jurídico, com os de outros colegas, entre eles Fernando Emygdio da Silva e José Gabriel Pinto Coelho, mestre ilustres, hoje jubilados, que para nós peroraram em Finanças e Direito Commercial, na Universidade de Lisboa.

Recordou então o Dr. os seus bons tempos de Coimbra e o «Carra de Cavallo», da Azinhaga do Ribatejo, infelizmente, hoje, já falecido. E ali ficámos, todos três, falando-se da chuva que ha mais de duas semanas causticava Nisa, já abeberada, depois de um «São Miguel» impertinente seco.

Nós, nesse tempo, abominávamos a chuva, só porque proibia os esplêndidos passeios, «pedibus calcantibus», com o Dr. Lino Neto, (Continua na página 3)

## GIL VICENTE NUM RELÂMPAGO

(1465 (?) — 1965)

pelo Dr. Cruz Malpique

Foi na noite de 8 de Junho de 1502 que Gil Vicente, disfarçado em Vaqueiro, entrou na câmara da Rainha D. Maria, nos paços da Alcáçova, decerto combinado com a Rainha velha (D. Leonor, viuva de D. João II), para recitar o Auto da Visitação, com o qual felicitava e presenteava a mãe daquele que veio a ser D. João III, e que ha pouco nascera.

À representação do Monólogo do Vaqueiro estiveram presentes El-Rei D. Manuel, sua mãe D. Beatriz e a Duquesa de Bragança, sua filha. Não diz o poeta que D. Leonor estivesse presente à representação. Mas é de supor que estivesse, tanto mais que, dias depois, seria madrinha do princepezinho recém-nascido.

O Vaqueiro simboliza o Povo que se alegra com a circunstância do nascimento de um príncipe. Mas a alegria tem de ser confirmada por presentes, acompanhados de uma desculpa, a desculpa de serem tão modestos: queijos, ovos, leite, mel. Pilriteiro, porque dá pilritos...

Dava modestos presentes, envolvia-os na cortesia das desculpas, mas fazia a dádiva sem lisonja, apenas pelo grato prazer de ser amável. (1)

Notável o misto de à-vontade e de timidez com que o Vaqueiro entra na câmara real — timidez diante de tanto e mal imaginado luxo, mas à-vontade, ao dirigir-se à rainha: «se certo é / que pariu Vossa Nobreza?»

(O Monólogo do Vaqueiro — pela visita à mãe e ao seu menino recém-nascido — lembra uma viva encarnação do presépio.

Esse menino, porém, que não pode entender — tão pouco ouvir — o Monólogo do Vaqueiro, ouviria, feito homem e soberano, as mais atrevidas críticas aos péssimos servidores da religião oficial.

E somos nós que nos espantamos de que a censura real tivesse deixado passar censuras tão acerbas como as feitas por Gil Vicente, através da boca das suas personagens — o Diabo na primeira plana)

O Monólogo do Vaqueiro agradou em cheio. Gil Vicente estivera à altura do lugar e da intenção artística. «E por ser cousa nova em Portugal, gostou tanto a Rainha velha (e daqui parece concluir-se que esteve presente) desta representação que pediu ao autor que isto mesmo lhe representasse às matinas do Natal, endereçado ao Nas-

cimento do Redentor, e porque a substância era mui desviada, em lugar disto fez a «seguinte obra».

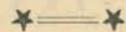
A «seguinte obra» era o *Auto Pastoril Castelhano*. De 1502 a 1536, Gil Vicente nunca mais largou o teatro da mão. Succederam-se os autos uns aos outros, evoluindo do goticismo medieval para um estilo cada vez mais desenfaixado, e com manifesta propensão para os temas da tradição nacional. Gil Vicente não se sintonizava com o *dolce stil nuovo*, amaneirado, classicizado. E por isso mesmo não faltariam certos homens de bom saber (= renascentistas) que troçassem da feição popular dos autos vicentinos. Sá de Miranda devia ter sido um dos pedantes a trocar do teatro vicentino — à margem da tendência italiana, renascentista, então em voga.

(1) — Dir-se-ia que, nessa emergência, a Rainha parturiente, recebendo modestíssimos presentes do Vaqueiro, estava imitando a Artaxersis, Rei de Persia, ao coal, indo de Caminho, ha pobre Lavrador offereço hu vaso de agoa, não olhando o serviço mas a Vontade de servidor», para empregarmos a linguagem do quinhentista Dr. João de Barros.

De facto, os presentes valiam infinitamente mais pela intenção do que pela quantidade e qualidade.

\*\*\*\*\*

### Rev. Padre Alfredo de Magalhães



Na Sé Catedral de Castelo Branco, realizou-se, com grande solenidade, o acto de posse do Rev. Padre Alfredo de Magalhães nas suas novas funções de pároco, em substituição do Sr. Cónego Anacleto Martins que, por razões de saúde, teve de deixar aquele cargo.

Foi com júbilo que recebemos esta agradável notícia, pois o digno sacerdote deixou em Nisa muitas e justificadas simpatias, pelo seu fino trato e pelo delicado quilate espiritual de homem bondoso e culto.

Ficamos-lhe desejando, com o sempre, as maiores venturas, pois de todas é bem digno.

# PORTUGAL - BRASIL CHUVA

Por Ribeiro Couto

A chuva fina molha a paisagem lá fora.  
O dia está cinzento e longo... Um longo dia!  
Tem-se a vaga impressão de que o dia demora...  
E a chuva fina continua, fina e fria,  
Continua a cair pela tarde, lá fora.  
Da saleta fechada em que estamos os dois,  
Vê-se, pela vidraça, a paisagem cinzenta:  
A chuva fina continua, fina e lenta...  
E nós dois em silêncio, em silêncio que aumenta  
Se um de nós vai falar e recua depois.  
Dentro de nós existe uma tarde mais fria...  
Ah! para que falar? Como é suave, brando,  
O tormento de adivinhar — quem o faria?  
As palavras que estão dentro de nós chorando...  
Somos como os rosais que, sob a chuva fria,  
Estão lá fora no jardim se desfolhando.  
Chove dentro de nós... Chove melancolia...

O Dr. Ribeiro Couto, jornalista e diplomata, foi secretário da Embaixada do Brasil em Lisboa, onde a projecção da sua mentalidade de verdadeiro intelectual se fez sentir vincadamente. O «Correio de Nisa» presta hoje homenagem à memória de quem foi grande entre os grandes, nas musas da querida Nação Irmã.

\*\*\*\*\*

## Dádiva do Céu

Chegou finalmente a chuva, ha tanto tempo desejada. Depois de preocupações amargas, a lavoura sorri. Irão correr os regatos, latejar as nascentes e o arvoredo gosa elaborando seivas, engrossando frutos. Entretanto, ainda ha quem se lamenta; um, porque perdeu três quilos de passas, outro, porque se lhe estragou mão-cheia de feno, deixado na véspera à porta do palheiro.

E "elas", mestas, dolorosas, choram sem lágrimas, os passeios românticos pelo Rossio... E "eles"? Eles também ficaram "tristes, muito tristes, como à noite o mar"... "Man's a fool".

\*\*\*\*\*

## CINE-TEATRO

Amanhã: «ROMEU E JULIETA»

— maiores de 12 anos —

\*\*\*\*\*

## SENTENÇAS de outrora

O anjo que se amou loucamente torna-se às vezes com o tempo um diabo detestado.

O amor verdadeiro parece-se com as «almas do outro mundo»; todos falam nelas e poucos as viam.

O amor entra mais facilmente no coração que o vento em casa aberta.

## De VIAGEM

Partiu para o Ultramar, onde vai defender a Pátria, o Sr. José Maria Figueiredo Bicho. Desejamos-lhe que vá e volte em bem.

\*\*\*\*\*

## RECORDANDO UM PEDIDO

Continuamos esperando que apareça a «Memória Histórica da Notável Vila de Nisa» Além de se pagar, é favor.

\*\*\*\*\*

Na Tipografia Nisense aceitam-se anúncios para o

## Correio de Nisa Quem Canta

Encontrei o dá e toma na rua do toma lá; inda não vi dá sem toma, nem toma sem deita cá.

## VERDADES DE SEMPRE

Melhor é curar goteira que casa inteira.

"O Correio de Nisa"

vende-se na Tip. Nisense

# A ABERTURA DA CAÇA

por Aníbal Goulão

Este dia é sempre aguardado, com o maior entusiasmo, pelos duzentos mil devotos de Santo Humberto.

Com muita antecedência, se fazem projectos entre amigos, para o local da abertura. Sujeitam-se os cartuchos a provas diversas, as armas são limpas, destina-se o farnel, revê-se o vestuário, prepara-se o calçado e aguarda-se, impacientemente, o romper do apetecido dia. Os perdigueiros práticos pressentem essa madrugada e manifestam a sua alegria com latidos, como que a dizerem aos donos que são horas de partir.

Ainda o sol vem distante e já milhares de caçadores se metem a caminho, fazendo uso dos mais variados meios de transporte, impelidos por este primitivo e mais completo desporto que o homem conhece.

Movimentam-se centenas de carros, ha combois cheios, esgotam-se as lotações das camionetas, e, bem assim, os lugares de alojamento nas pensões.

Em variados montes se alojam caçadores; e até já temos visto baracas de campanha, em diversos locais.

O desporto no País tem evoluído, em todas as modalidades e, apesar da caça estar quase em vias de extinção, aumentou consideravelmente o número dos adeptos da caça.

O Concelho de Nisa tem sido nestes últimos anos local preferido por muitas centenas de caçadores de todo o Portugal.

Entusiasmados por deturpadas informações, de muito longe aqui se deslocam para, em escassas horas de exercício, verificarem que esta região pouco mais tem que o

espaço livre para calcurrearem montes e vales, de espingarda aperrada.

A alguns caçadores, caídos neste logro, ouvimos dizer que não conseguiram dar um tiro; outros que não foram além de três a seis tiros. Vários grupos de cinco abatem apenas duas ou três perdizes.

E, assim, o dia tão desejado não fôra para eles mais que uma decepção quanto à esperança que alimentavam da partida, com um bom cinto; sonho que se dissipou como fumo dum cigarro.

Por tal motivo, verificámos que a afluência do passado está muito reduzida, tantos têm sido os que confirmam aqui o logro, e não voltam mais.

A falta de caça manifesta-se acentuadamente de ano para ano.

O espaço que ontem era livre está muitíssimo reduzido, com as fáceis concessões dadas a vastas superfícies em regime florestal.

Nestas circunstâncias, o espaço livre tem de suportar hoje um maior número de caçadores, o que vai originando o extermínio de caça no País. A falta de uma área demarcada em todos os concelhos, para reserva de caça e povoamento, é outro motivo que muito contribui para o abandono desta riqueza nacional.

As concessões dadas à vedação são para uns um super-luxo; para outros, um negócio altamente lucrativo; e para os caçadores uma afronta.

Já o dissemoa — e repetimos — a caça, em nossa opinião, devia pertencer exclusivamente ao Estado; e nunca a umas dúzias de privilegiados, que são os donos quase absolutos desta verdadeira riqueza do País.

## Adivinhação (N.º 9)

Por demais que eu, invejosa, me enfeite de alheia gala, nunca a minha formosura à de meu irmão se iguala.

Assim, pois, como enfadada desta minguia que conheço, se o vejo vir, me disfarço, se ele se vai, apareço.

Também sou tão variável, de génio tão inconstante, que de cada vez me mostro com um diverso semblante.

Solução: A LUA

\*\*\*\*\*

## EFEMÉRIDES

Em 16 de Outubro de 1847, nasceu em Turim a rainha D. Maria Pia.

\*\*\*\*\*

## Meteorologia Popular

Aí por São Lucas bem sabem as uvas. — Em São Simão, fava na mão.

# Uma Cantiga DOS CORCOVADOS

Marca, marca esta batuta, marca, marca esta dança; vimos nós aqui cantar, os Doze Pares de França.

Aqui vêm os corcovados, com a sua «opinião»; vêm dar as Boas-Festas aos homens da Direcção.

Cá estão os corcovados com a sua eleição; vimos dar as Boas-Festas aos senhores que aqui estão.

Cá estão os corcovados, com o seu cantar alegre; vimos dar as Boas-Festas ao povo de Portalegre.

Ha-de haver uns oito anos que vos vimos visitar; uns amigos como estes sempre se hão-de estimar.

Canta, canta toda a noite no silvado o rouxinol; nós cantamos todo o dia, do nascer ao pôr do sol.

Mariquinhas lava a louça, com sentido no amar; e depois de muito tempo fica a louça por lavar.

Mangerona bate à porta, Anecril vai ver quem é. São os passos de Maria que vêm falar a José.

O lagarto, coitadinho, está metido na areia; quem o fôr desenterrar ganhará moeda e meia

Chamaste a meu pai tolo a minha mãe corcovada; retirem-se do caminho, já não cantamos mais nada.

## Conhece este trecho?...

Encontrando-se um CHAYUEN (é este o visitador duma provincia, cargo dos mais importantes do reino) de visita, depois de estar poucos dias na localidade, cerrou as portas ao expediente bem como às visitas, desculpando-se estar doente. Como a sua enfermidade se prolongasse, isto deu que pensar a um mandarim seu amigo, que fez tanta insistência para que o deixassem falar com ele que, finalmente, conseguiu o seu intento. Admitido, adverti-o do descontentamento que corria pela cidade por ele não dar expediente aos negócios. Respondeu-lhe aquele com a mesma desculpa da sua enfermidade.

— Sinais disso eu não os vejo. Diga-me a verdadeira causa e auxiliá-lo-ei no que me fôr possível com a afeição de quem estima de coração.

— Saiba, então, — respondeu o visitador — que me roubaram o selo real do cofrezinho onde costume guardá-lo, deixando-o fechado como se nele não tivessem tocado. Se quizer dar audiência não tenho com que autenticar os despachos. Se revelar o descuido havido com

o selo, perderei, já o sabe, o cargo e a vida. Desta forma não sei que possa fazer senão estar-me nesta indecisão, que me é de pouquíssimo remédio, sentindo eu mais que eles a dilação dos seus pleitos.

Bem compreendeu o mandarim, seu amigo, quão terrível era o motivo daquele isolamento, e, exercendo subitamente o valor do engenheiro perguntou-lhe se tinha algum inimigo nesta cidade.

Respondeu-lhe o visitador que sim, sendo ele a sua autoridade principal, isto é, o CHIFU ou governador que, desde há muito, dissimuladamente, o olhava com mau olhar.

— Sendo assim — disse excitadamente o mandarim — mande V. Sr.<sup>a</sup> reunir todos os seus haveres na parte mais segura do palácio e lançar fogo à parte despejada, ordenando que gritem socorro em consequência do incêndio, sendo no entanto, necessário que, entre os primeiros, apareça o governador, pela maior obrigação do seu officio. Logo que tenha aparecido gente, deverá chamá-lo em voz alta e entregar-lhe o cofrezinho fechado tal

(Continua na página 3)

## Conhece este trecho?...

(Continuação da página 2)

como está para que em seu poder fique seguro do perigo do fogo, porque se for ele quem roubou o selo, fará bem em repo-lo no seu lugar, ao restituir o cofre-zinho. Se não fizer isso, V. Sr.<sup>a</sup> lançar-lhe-á a culpa de o ter mal guardado e com o ficar V. Sr.<sup>a</sup> livre desse dis-sabor, vingará-se ainda do seu inimigo.

Seguiu o visitador o conselho e foi tão bem sucedido que, na manhã seguinte à noite do incêndio, o governador lhe apresentou o cofre-zinho com o selo. E guardaram ambos silêncio das suas respectivas culpas, por convir, igualmente, à conservação de ambas as partes.

E o autor?

Natural de Nisa, onde nasceu em 1585, ingressou na Companhia de Jesus apenas com 17 anos de idade. Em 1608, contando 23 anos, partiu para a Índia e, depois de ter completado os estudos teológicos em Goa, seguiu para a China, fixando-se em Nanquim. Principiou então a dedicar-se ao estudo da língua nativa, cujo conhecimento tão necessário lhe era para realizar o seu trabalho de evangelização.

Em 1616, em virtude de temível perseguição, que enfrentou com admirável coragem e espírito de sacrifício, foi exilado para Macau, mas, quatro anos depois, em 1620, alterando o nome chinês que antes adoptara, voltou à China e passou a residir na província de Che-quião. Teve então oportunidade de visitar várias regiões do Celeste Império e o contínuo e prolongado contacto com os naturais, aliado ao seu penetrante espírito de observação, permitiram-lhe coligir preciosos elementos para a elaboração da sua obra principal.

Devia esta estar concluída em 1637 pois nesse ano, tendo sido enviado a Roma, lhe deu os últimos retoques enquanto estacionou em Goa. Em 1640 esteve em Portugal e dois anos depois em Roma, regressando em 1644 ao Oriente, desempenhando então o cargo de vice-provincial das missões, tendo escapado milagrosamente da morte quando, estando em Cantão, em Dezembro de 1651, esta foi saqueada e conquistada pelo tártaros.

Faleceu, em paz e sossego, após uma vida inteiramente dedicada à conversão dos chineses, com a propecta idade de 73 anos, no dia 18 de Junho de 1658.

SOLUÇÃO.  
A «Relação da Grande Monarquia da China», P. Alvaro Semedo, obra que por si só lhe concederia um lugar honroso nas letras pátrias foi, até recentes anos, publicada, primeiramente, em espanhol, numa edição estropiada por interpolações absurdas, e depois em italiano, francês e inglês. Porém na edição romana, foi o texto respeitado escrupulosamente, o que permitiu, em 1956, a sua retroversão num português fluente.

Devem os niseses a ingente tarefa de tornar à língua pátria a obra de um dos seus mais caros filhos, ao sr. Luis Gonzaga Gomes, residente na longínqua província de Macau. Para ele as nossas felicitações e os nossos agradecimentos. Bem haja!

Nota — Os dados biográficos acima foram extractados da introdução que precede a edição de Macau.

## A FEIRA

Mais uma vez a feira de Outubro veio dar a Nisa o costumado movimento da época. Pena foi que o tempo chuvoso viesse prejudicar as transacções e, simultaneamente, diminuir o colorido próprio desta exibição tradicional.

## Correio de Nisa

Por se ter retirado para Lisboa o distribuidor do jornal em Nisa, e não ser possível, de momento, conseguir pessoa capaz de executar a habitual tarefa, somos forçados a recorrer à distribuição pelo correio, única forma eficiente e segura.

## Para o Ultramar

Com sua esposa e filha, encontra-se já em Angola o nosso assinante Sr. António Marçal dos Santos. A todos ficamos desejando muitas felicidades.

## Um trabalho rufoso

Com o título de «Deserção», começaremos brevemente a publicar uma extensa série de notas sobre a Vila de Nisa, a que não falta vincado espírito de observação que deverá constituir verdadeiro interesse. Trata-se de trabalho muito curioso de que foi autor um digno nisenense.

## Quem não esquece

(Continuação da página 1)

hoje provedor da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

Mas, tínhamos de ser atenciosos; e, por tal, também demos sentenças sobre os pluviómetros, que pródigoamente acusavam efeitos do fenómeno meteorológico, resultante da condensação.

De repente, um cachopo azogado e respicaz, hoje já pai de filhos, entrou na quadra, pingando, para nos oferecer «Ilustrações da Guerra».

Wiston Churchill vinha logo na primeira capa, sentado à grande mesa abacial de Downing Street, com o seu inseparável charuto, disconforme, de «la vuelta de abajo».

A este passo, fizemos lamúria, quanto à crucial falta de tabaco, o que para nós constituía tormento, pois o nosso «fornecedor», homem formado em Direito e também já nosso conhecido, exigia o pagamento com o mesmo género e da mesma marca.

Enfim, um sudário de amarguras determinadas pelo vício.

Houve depois comentários sobre os diferentes aspectos do Conflito Mundial. Debruçados sobre a secretária, víamos as marchas dos exércitos, e faziam-se comentários.

As considerações eram claras e sensatas, adivinhando-se um todo de dignidade tradicional da boa gente portuguesa, que tem a noção exacta da honra e para quem o lar constitue reducto venerável, com odor a santuário.

Ficámos gostando daquele homem, o notário da Comarca.

E por ali passámos a ir, de vez em quando, com Tavares Machado e outros que, por ainda vivos, fe-

lizmente, não cabem na citação.

De certa vez, o Dr. Pelequito, lembrando, com certeza, «a lamúria do tabaco», interrogou-nos deste modo:

— Quer tabaco?

(Nós queríamos tabaco...)

— Pois, então, quando quizer, diga! E levou-nos ao compartimento interior, onde, abrindo a gaveta de velha secretária abandonada, nos mostrou uma maravilha, uma espécie de tentação de Santo António, segundo o conhecido quadro célebre: onças de «francês» enchiam a boceta, até a cima.

— Muito obrigado! Mas note, Sr. Dr., que não é possível pagar-lhe com tabaco!

— Não! O Sr. paga com dinheiro!

Dali por diante, enquanto durou a guerra, não mais deixámos de fumar, confiadamente, graças ao bondoso Dr. Pelequito, que ficou assim morando no nosso coração.

Tempos volveram. O Dr. Pelequito passou a ser quase de família; e muito defendeu os nossos direitos, com todo o equilíbrio, com perfeita dignidade, com inteira justiça, porque ele era um homem justo, criterioso, de excelente coração.

No próximo dia 19, faria anos. Por isso aqui o recordamos, com saudade. Assim o recordassem alguns, a quem ele, desinteressadamente, muito ajudou e que lhe pagam com a indignidade do olvido.

Nós não o esquecemos; não o esqueceremos nunca!

## LOUCO INTENTO

(Ao meu bom amigo

Senhor José Vieira da Fonseca)

Com vã soberba, erguendo altiva torre, outrora,  
Ou devassando o espaço em foguetões, agora,  
O homem sempre sonhou chegar, por fim, aos céus  
E pôr-se, estultamente, a par do próprio Deus!  
Mas conquistando, ousado, espaços siderais,  
Terá que subir sempre e sempre, mais e mais.

Para além desses mundos que nós vemos,  
Visinhos desta esfera em que vivemos,  
Alucinadamente, há-de encontrar  
Milhões de novos mundos sem lograr  
Jamais, seu desvairado, louco intento,  
Pois, é vasto e sem fim, o firmamento.

A inteligência humana é portentosa,  
De engenho desmedido e incontroverso,  
Mas é maior ainda, a magestosa,  
Infinita, grandeza do Universo!

F. BAGULHO

**HOSPITAL DA MISERICÓRDIA DE NISA**  
CONSULTA DE OTORRINOLARINGOLOGIA  
(Ouvidos, nariz e garganta)

Todas as 2.<sup>as</sup> e 4.<sup>as</sup> Quartas-feiras de cada mês, às 9,30 horas  
Pelo: **Dr. José Joaquim Afonso**  
de CASTELO BRANCO

## Descante aos noivos

Por Maria Pinto

Parabéns, José Maria,  
já Deus te fez a vontade.  
Casaste com tua prima;  
Deus te dê felicidade.

Ha muito que começaste  
a ter amor à priminha,  
mas tu deixaste cresce-la,  
pois era muito novinha.

Já tens hoje uma mulher,  
já tens uma companhia.  
Deus queira que no teu lar  
sempre reine a alegria.

Tiraram as alianças  
do bico duma pombinha,  
que levou tua sobrinha,  
lá dentro duma cestinha.

E do noivo o teu cunhado  
tem prazer em ser padrinho,  
e pena é não ir também  
o teu avô já velhinho.

Muita gente acompanhou  
por amizade e amor.  
Hoje estão no vosso dia,  
dando graças ao Senhor.

Adeus, O' Ana de Lourdes,  
parabens e boa sorte.  
Deus proteja o vosso lar,  
até à hora da morte.

Teu primo sempre te amou,  
do fundo do coração,  
mas só ao fim de seis anos  
recebeu a tua mão.

Ó noiva ias tão bela,  
com teu pai a acompanhar-te!  
Foi casamento bem lindo;  
tanta gente a arramalar-te!

Tua avó foi a madrinha  
e a tua tia também.  
Foi muito ao gosto de todos,  
Deus a todos vós quer bem.

Foi à vontade dos dois,  
que são primos verdadeiros.  
O destino tudo traz,  
não são vocês os primeiros.

Lá tiraram o retrato,  
à saída da Igreja.  
Deus vos dê saúde e sorte,  
é o que mais se deseja.

Neste vosso copo-de-água,  
havia bom apetite;  
tudo comeu e bebeu,  
isto assim é que é bonito.

Partes o bolo da noiva  
para quem a boca abriu;  
isto assim foi engraçado  
e deu vontade de rir.

Tios, primos e mais parentes,  
tudo veio acompanhar;  
até deitaram saúdes,  
quando estavam a jantar.

Neste dia, tudo lembra,  
o passado e o momento.  
Viva o noivo mais a noiva,  
que hoje estão de casamento.

Abram já esta janela  
e dêem qualquer cozinha;  
temos de nos ir deitar;  
é já quase manhãzinha.

São horas de nos deitar,  
já vos estou a dar maçada;  
se não quiserem dar vinho,  
venha uma «cigarrada».

## Um Depoimento

Carta dirigida ao Sr.  
Rodrigues Correia

Casa da Criança, 4-9-65  
Ex.<sup>mo</sup> Sr.

Com os meus respeitosos cumprimentos desejo de coração a todo o Rancho muita saúde e felicidades, e muito bom êxito nos vossos programas.

Venho por este meio agradecer a vossa gentileza de nos vir visitar; e ao mesmo tempo nos apresentaram com algumas danças, de que lhes estou muito grata. As crianças ficaram encantadas, não falam noutra coisa.

Só tenho pena de não lhes poder agradecer com alguma prenda, que bem mereciam; mas como nada temos, por isso peço-vos desculpa e mais uma vez um muito obrigado em nome de todas as crianças. Que Nosso Senhor o recompense pelo bem que nos fez.

Subscrevo-me  
com toda a consideração

Irmã Angela

\*\*\*\*\*

## Desastre

No sábado, dia 9, registou-se no Boqueirão, grave desastre de automóvel, de que resultou a morte de um transeunte, vindo à vila, por motivo da feira.

## NOIVOS

No dia 9, casou na Basílica de Nossa Senhora da Nazaré a Sr.<sup>a</sup> D. Maria Leonor Bernardino Tello Gonçalves, filha da Sr.<sup>a</sup> D. Maria da Graça Ribeiro Pinto Bernardino Tello Gonçalves e do Sr. Dr. Carlos Gouveia Tello Gonçalves, com o Sr. Joaquim Eduardo Ribeiro Sérvulo Correia, filho da Sr.<sup>a</sup> D. Alda Maria Ribeiro Sérvulo Correia e do Sr. Dr. Joaquim Sérvulo Correia, Reitor do Liceu Camões.

Foram padrinhos da noiva sua avó, D. Alda Ribeiro Pinto Bernardino e o Sr. Dr. Joaquim da Rocha e Cunha, Corregedor do Círculo Judicial de Leiria e antigo magistrado da Comarca de Nisa. Apadrinharam o noivo seus Pais.

Após o acto religioso, com missa solenizada a órgão, e em que foi oficiante o nosso Vigário, Rev. Padre Lopo de Oliveira, serviu-se, no Grande Hotel da Nazaré, um delicado copo de água, num ambiente de rara distinção e com a assistência de numerosos convidados de elevada categoria social.

Os noivos, que receberam a Bênção Papal, seguiram em viagem de núpcias para o Algarve.

Apresentamos aos noivos e suas famílias parabéns muito sinceros, desejando a todos perenes venturas.

\*\*\*\*\*

DE CAPA  
E BATINA

Um dos tipos mais curiosos dos meus tempos de Coimbra era o Padre Simões, conhecido geralmente por « Padre Patagónia », professor de preparatórios para a Universidade, menos dos que acabavam em ia e em ão, como Geometria e Introdução, segundo ele afirmava.

Do « Patagónia » contavam-se extraordinárias anedotas, certamente, inventadas.

Vou referir duas, menos sabidas. A dos grilos, que ele tinha na gaiola e lhe desapareceram, dizendo depois de muito matutar, acerca de tão estranho desaparecimento que os dois « se tinham comido um ao outro », é muito conhecida.

Belo dia de eclipse do Sol, visível em Coimbra. Tudo se preparava, no Observatório, para estudar o fenómeno. Para ali se dirigia o Dr. Manso Preto. No caminho encontrou o « Patagónia », a quem disse: — Ó Padre Simões queres vir comigo ao Observatório, para ver o eclipse do Sol?

— É hoje? — perguntou o « Patagónia ».

— É. Queres vir?

— Ó diabo!... Hoje é dia de aula e tenho de ir aturar os rapazes. Vê se mudas o eclipse para quinta-feira, que é feriado, e então conta comigo. Manso Preto virou-lhe as costas, e, sem dizer palavra, foi-se andando, a rir. Pudera!

(Dr. António Cabral —  
— « Tempos de Coimbra »)

Nota — Os que se julgam ser gente sábia (?) falam em grilos da Patagónia. Têm de emendar a contracção, e dizer do. A realidade é tão triste!... E a ignorância é tão vasta.

(Correio de Nisa 16-10-65)

Comarca de Nisa  
Secretaria Judicial

## Anúncio

No dia OITO do próximo mês de Novembro, pelas 10 horas, no Tribunal desta comarca, na Execução de Sentença em que são Exequente-Shell Portuguesa, S. A. R. L., com sede em Lisboa e Executados:—Manuel da Conceição Carrilho e mulher Maria José Pereira, ele industrial e proprietário e ela doméstica, residentes em Lisboa Rua Dom Carlos Mascarenhas, número oitenta e cinco, réis do chão, serão postos em Praça pela primeira vez, para serem arrematados ao maior lance oferecido acima do valor adiante indicado, os seguintes prédios penhorados àqueles executados:

1.º

Uma gleba com o N.º 136, no sítio do Cabeço Alto, do Carvalhal de Tolosa, freguesia de Tolosa, concelho de Nisa, a confrontar do nascente com as glebas 137 e 138, do poente com a gleba 135, do norte com as glebas 20 e 21 e do sul com caminho descrito na Conservatória do Registo Predial de Nisa sob o N.º 7 810, fls. 130, B-20 e inscrita na respectiva matriz sob o art. 825. Vai à praça no valor de quatro mil quinhentos e quarenta escudos.

2.º

Uma gleba com o N.º 373, no sítio da Fonte da Pedra, do Carvalhal de Tolosa, freguesia de Tolosa a confrontar do nascente norte e sul com caminho, pelo poente com as glebas n.os 228, 229, 230 e 231, descrito na Conservatória respectiva sob o n.º 7 760, fls. 105, B-20 e inscrita na matriz respectiva sob o art. 826. Vai à Praça no valor de oito mil setecentos e vinte escudos.

Nisa, 12 de Outubro de 1965

O Escrivão de Direito,

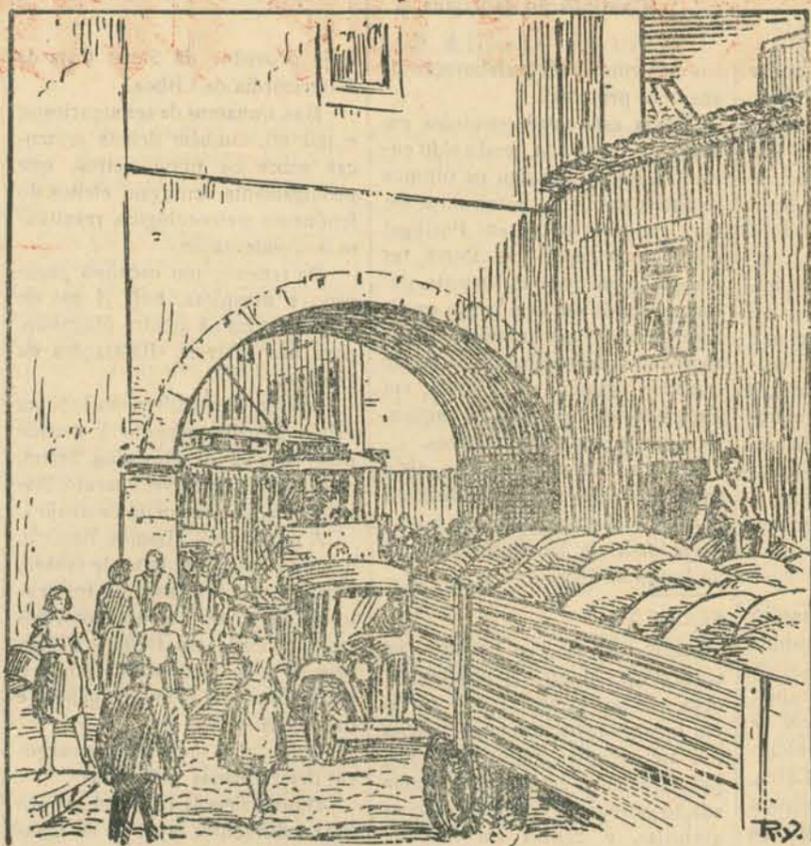
(a) Manuel Moita Godinho

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

(a) João de Deus Lopes

\*\*\*\*\*

PASSAM POR HORA SOB O  
ARCO DO MARQUÊS DE ALEGRETE

## CENTENAS DE VEÍCULOS

LIRA POPULAR  
UM RELÓGIO QUADRADO

Ó Nisa do Zambujal,  
tens jardins de lindas flôres;  
tens um relógio quadrado  
que tem quatro mostradores.

Todo e qualquer viandante,  
seja de inverno ou de verão,  
desde que olhe a direito,  
logo sabe que horas são.

Lá mesmo ao cimo da torre,  
esse foco luminoso,  
quando dá as badaladas,  
até parece vaidoso.

Esse relógio quadrado  
que de longe se divisa  
sempre traz orientado  
o povo da linda Nisa.

Sobressaindo à muralha,  
lá no cimo do pilar,  
a todos os que trabalham  
ele os sabe orientar.

De muito longe avistado,  
na sua própria função,  
dá os quartos, dá as horas,  
estas com repetição.

Por isto dele se lembra  
meu coração magoado,  
por não estar sempre a ouvir  
o bom relógio quadrado.

Para lhe dar mais realce,  
para lhe dar mais acento,  
para ser mais engraçado,  
tem no cimo um catavento.

Esta máquina do tempo  
dá horas com precisão.  
Até deitados na cama,  
todos sabem que horas são.

Para mim, é coisa bela,  
para mim não há igual  
em toda a terra sagrada  
do meu querido Portugal.

MANUEL C. PESTANA

## Monumentos de Evocação Militar

Escreve o Professor José Francisco Figueiredo na sua « Monografia da Notável Vila de Nisa »: « Seria preciso remontar aos tempos pré-históricos, se quiséssemos encontrar, nimbadas do poético palor da lenda, as nebulosas origens de Nisa - a - Velha, situada a quatro quilómetros da actual, na falda e vertente do pitoresco monte, com a cota de 275 metros onde se ergue a graciosa ermida de Nossa Senhora da Graça.

Nada de positivo pode afirmar-se a tal respeito; apenas é lícito conjecturar que as mais antigas civilizações exercem nesta região o seu influxo.

Atestam-se vários monumentos megalíticos, como os dólmenes ou antas, de que há no Alto Alentejo curiosos e perfeitos exemplares.

O que é incontestável é ser a nossa terra uma das mais antigas do distrito de Portalegre.

A primeira obra de fortificação realizada no local deve ter consistido num castro lusitano.

Embora não esteja provado, é possível que a região tivesse sido ocupada em épocas diversas pelos celtas, celtiberos, romanos, álanos e mouros.

A vila de Nisa (Nisa - a - Nova) encontra-se situada num planalto na margem esquerda do Tejo, e o

seu castelo foi construído num outeiro de pendor acentuado, situado nas vizinhanças.

A construção da fortaleza deve-se à Ordem dos Templários à qual tinha sido doada, pelos primeiros reis de Portugal, vasta extensão do território, com a condição de ser povoado e defendido contra os ataques dos mouros.

O castelo, de planta sensivelmente quadrada, tinha quatro fortes e esbeltas torres com ameias; uma delas, a de menagem, tinha 37,5 metros de altura e ocupava o ângulo norte; as outras três, situavam-se nos restantes vértices e mediam cerca de 30 metros de altura.

Uma sólida muralha, com 15 metros de altura e 4 de espessura fazia a ligação das torres entre si.

O castelo dispunha no seu interior de boas instalações, cuja descrição pormenorizada e desenhos representativos se encontram no Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Podemos resumidamente e de um modo geral dizer que existiam: amplas salas térreas, vários quartos e salas assoalhadas, diversos aposentos destinados ao alcaide e aos cavaleiros da Ordem, guarda-roupa, cozinha, varandas, alpendres, terreiro, poço e estrebarias.

As dependências mencionadas

eram na sua generalidade rebocadas e dispunham de portas, fortes e forradas algumas a cairo.

No reinado de D. Afonso V, foram construídas, cercando a vila, robustas muralhas, nas quais se abriam as portas da Vila, de Montalvão, de João de Évora e de São Tiago, e os postigos de São Pedro, Canto do Adrião e Cadeia.

Durante a Guerra da Sucessão de Espanha em 1706, período em que D. Pedro II de Portugal envolveu o País numa campanha de consequências funestas, o castelo ficou muito arruinado e essa ruína continuou, não devido a acções militares, mas à incúria dos homens numa época de indiferença pelos valores históricos.

Tudo foi vendido ou desmantelado, incluindo o próprio castelo e grandes troços de muralha que cingia a vila; as vetustas pedras desses troços de muralha foram retiradas para outras edificações.

Para defesa de Nisa, cuja expansão rápida se verificava, foi em 1646 construída longa e forte muralha que hoje já não existe.

Do castelo também hoje nada existe, senão a memória; podemos, no entanto, ainda, admirar alguns troços das muralhas em bom estado ou restauradas.

Também ainda hoje existem as

torres junto às portas de Montalvão e de João de Évora, que constituem interessantes monumentos da Idade Média.

Os arcos das portas de Montalvão e da Vila, também ainda existentes, são considerados monumentos nacionais.

Embora nos domínios da lenda, conste que NISA teria sido o nome de um chefe mouro que mandou construir a fortaleza e determinou medidas tendentes ao progresso e repovoamento da localidade.

Tem sido notável o desenvolvimento da região nos últimos tempos e nela existem grandes motivos para uma visita, dos quais destacamos a barragem, a Hidroeléctrica e as portas de Rodão, impressionante garganta ravinada atravessada pelo Tejo.

O brasão de armas de NISA consiste num castelo de ouro com três torres, em fundo de púrpura.

Sobre a torre do centro está uma cruz ladeada por duas estrelas; sobre a da esquerda, o crescente lunar; sobre a da direita o escudo das quinas.

BASTOS MOREIRA  
Ten. Cor. de Eng.

(DO « JORNAL DO EXÉRCITO »)